

Gestão de DNS:
PTI assume funções
do ICANN ■ PVI

Portugueses gastam
9,2 mil milhões onli-
ne em 2020 ■ PVII

Cloud computing: uma inevitabilidade

A migração dos sistemas de informação das empresas para a cloud, não sendo obrigatória, deve ser acautelada e planeada. As organizações sem estratégia de transformação digital podem desaparecer em cinco anos. Enquanto isso, com os preços a baixar, o custo deixa de ser um obstáculo.

Os fabricantes, integradores e consultores explicam como preparar a mudança que vai além das tecnologias. Envolve pessoas e processos e segurança! ■ PII a IV

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

Cloud. Se não migrar, pode desaparecer

O mercado cloud está a crescer. As empresas que não acompanharem podem desaparecer. Os especialistas recomendam a adoção gradual.

Mafalda Simões Monteiro
mmonteiro@jornaleconomico.pt

A cloud, um dos grandes pilares da transformação digital, a par da Internet das Coisas, da mobilidade ou da big data, é quase uma inevitabilidade. A transformação digital, com recurso à cloud, permite a atualização de processos internos e o ajustamento de modelos de negócio.

Não sendo obrigatório migrar os sistemas, “o mercado assim o ditará”, antecipa Abel Costa, head of infrastructure Services, da GFI Portugal. Bruno Carlos, business unit director da Lunacloud, acredita que a mudança é obrigatória: “quem não o fizer tornar-se-á menos ágil e menos competitivo”. Mais que obrigatória, é uma “mudança inteligente”, defende Fraçois Coentro, diretor comercial da Meta4 em Portugal.

Espera-se que o mercado mundial de serviços de cloud pública aumente 16,5% para cerca de 185 mil milhões de euros em 2016, de perto de 159 mil milhões de euros em 2015, segundo o Gartner. Por seu lado, a IDC assevera que sete em cada 10 organizações, em particular as de maior dimensão, já têm soluções na cloud. David Afonso, senior vice-presidente da Primavera BSS, afirma que, hoje, a dúvida não é se as empresas estão na cloud, mas sim, qual é a sua maturidade face à cloud. E, neste capítulo, “as coisas estão muito mais verdes”.

Entetanto, o alerta está dado: a ausência de transformação digital conduzirá ao desaparecimento de cerca de 40% das empresas, em cinco anos, lê-se no estudo Digital Vortex, do Centro Global de Transformação Digital dos Negócios, apoiado pela Cisco e pelo International Institute of Management Development de Lausanne, na Suíça.

“A transformação digital das organizações é fundamental, talvez obrigatória para o sucesso das mesmas”, assinala José Esfola, diretor de Marketing da Xerox Portugal. A cloud é parte integrante dessa transformação e os clientes sabem que “não podem estar fora”, salienta. No entanto, é tam-

bém verdade que “as potencialidades são menosprezadas, por desconhecimento”.

A “obrigatoriedade de acompanhar esta transformação está na vontade da própria empresa e, de certa forma, na vontade de assegurar a sua continuidade no mercado”, explica Manuel Piló, responsável pelas áreas de cloud and managed services da Cisco Portugal. Acrescenta que “as empresas digitalmente mais avançadas são aquelas que serão capazes de encontrar o seu caminho e definir uma estratégia sólida”.

“As empresas podem ajustar a sua estratégia mediante as vantagens na oferta da cloud”, que incluem o reduzido investimento inicial em novas projetos e a facilidade de gestão dos custos dos recursos para esses mesmos projetos”, explica Ricardo Dinis, responsável de ITS, da Agap2IT.

Para Inês Vaz Pereira, head of cloud business da SAP Portugal, a cloud é (apenas) uma nova forma de consumo das soluções de software, “é mais uma opção à disposição das empresas e que é levada a cabo sem ter que respeitar uma regra única ou seguir uma fórmula mágica”.

O que deve ponderar?

- Que aplicações funcionalidades migrar?
- Que dados migrar?
- Que modelo escolher (cloud privada, pública ou híbrida)?
- Quando e com que cadência mudar?
- Onde vão ficar guardados os dados?
- Quais são as garantias de segurança de informação?
- Qual é o nível de disponibilidade dos dados e o nível de serviço (SLA)?
- Quais serão os impactos nos resultados da empresa?
- Quais os custos associados?
- Como se integram os sistemas na cloud com os restantes sistemas, incluindo a componente mobile?

Estratégia de migração

Qual a melhor estratégia de migração para a cloud? On premises e/ou privada, híbrida ou cloud pública. Todas elas têm prós e contras. Que aplicações, que dados, com que prioridades e em que momento? Cada empresa tem de analisar quais os sistemas que possui, quais são críticos ou quais são prioritários para o seu modelo de negócio. Seja qual for a opção, a migração dos sistemas deve ser gradual, começando por optar por contratos “as a Service” de funcionalidades menos críticas como o e-mail ou o software de CRM.

Mas, na cloud existem já soluções para responder à generalidade dos requisitos dos clientes: desde a impressão ao Business Intelligence passando pela gestão da relação com o cliente, ambientes de testes e até mesmo de suporte à Investigação e desenvolvimento.

E não existe uma solução mágica que se aplique a todas as empresas. “Depende de cada organização e negócio, respetivos requisitos e orçamentos”, explica Vítor Batista, senior enablement manager e CTO ambassador da Dell EMC EMEA. Todas as hipóteses devem ser consideradas, sendo que, muitas vezes um modelo misto é o mais aconselhado. Pode optar-se por uma cloud privada para aplicações com elevados níveis de performance enquanto outras aplicações podem estar alojadas na cloud pública, como por exemplo, os serviços de correio eletrónico. João Rodrigues, vice-presidente de TI da Schneider Electric Portugal, explica que o modelo híbrido é a solução que “oferece maior sustentabilidade, fiabilidade e segurança às necessidades das organizações”.

Em síntese. Por onde começar? “Faça uma análise cuidada das vantagens e desvantagens que cada caminho comporta”, conclui Rui Gonçalves, infrastructures Business Unit Director da JP IK.

As principais dúvidas

As questões dos clientes estão agora relacionadas com a segurança da informação, a alta disponibilidade ou a integração com os sistemas legacy e com a componente mobile, resume An-

dré Santana, team leader da Bi4All. Os clientes querem saber “mais sobre segurança ou como otimizar a experiência de utilização” desta nova plataforma, acrescenta António Oliveira Maria, diretor de serviços profissionais da Iten. Os clientes querem também conhecer casos práticos de utilização e encontrar soluções diferenciadas, explica Luís Carvalho, da Microsoft Portugal: as dúvidas centram-se na otimização técnica e económica do consumo de cloud e na governação dos múltiplos projetos de cloud. Entretanto, “os custos da cloud têm vindo a diminuir de mês para mês, fruto da grande concorrência existente, o que torna cada vez mais difícil justificar o investimento num datacenter próprio”, explica Abel Costa, da GFI Portugal. Por outro lado, “os normativos para a segurança da informação, impostos pela UE, ajudarão a acelerar essa mudança”.

Paralelamente, explica Pedro Quintela, administrador da Linkcom, “os serviços cloud possibilitam essa transformação com maior segurança e num prazo de implementação mais reduzido.

A discussão está agora centrada na segurança e na localização dos dados, duas apreensões que estão no topo da agenda dos responsáveis pelos sistemas de informação (CIO), na opinião de António Miguel Ferreira, managing director da Claranet Portugal. Aqueles acrescem preocupações relacionadas com a propriedade e acessibilidade dos dados, como avança Bruno Carlos, business unit director da Lunacloud.

Nelson Pereira, CTO da Noesis, assinala que as principais dúvidas estão normalmente relacionadas com as questões de controlo e de gestão centralizada, visto que existe a tendência de querer manter as operações do dia-a-dia alinhadas com os processos existentes na organização.

Um última nota, a migração para a cloud sem modificações também é possível, criando oportunidades de redução de custos e de aquisição nativa de capacidades de recuperação de desastres, acrescenta Luís Carvalho, diretor de cloud e datacenter na Microsoft Portugal. ■





GLOSSÁRIO CLOUD

Cloud

A cloud é uma rede global utilizada atualmente para descrever a Internet.

Cloud Pública

Ambiente público, servidores alocados em datacenters que ficam fora da própria empresa (exemplos: Amazon, Google, Azure, etc). É a solução ideal para empresas de menor dimensão, implicando um investimento inicial diminuto. O serviço é pago mediante a utilização ou personalização. Os custos de manutenção são mitigados e a capacidade de escala é garantida.

Cloud Privada (on premises ou não)

Ambiente privado, infraestrutura de virtualização privada, servidores alocados em datacenters que ficam dentro da própria empresa ou num espaço dedicado num datacenter dum fornecedor. “São soluções perfeitas para empresas que têm capacidade de investir e recursos de TI dedicados, capazes de gerir todas as plataformas em questão. O investimento inicial é mais elevado, mas é a melhor solução para o negócio com informação sensível”, explica a JP-IK.

Cloud Híbrida

É o melhor de dois mundos. Combina ambiente público (Amazon, Google, Azure, etc) e privado. Inclui fornecedores de serviço internos e públicos. As empresas definem o que migra para a cloud e o que fica no seu datacenter. A informação passível de ser colocada na cloud pública é a menos sensível. A mais crítica pode ficar em ambientes produtivos internos, sob controlo dos departamentos de IT. As restrições regulamentares obrigam por vezes a esta opção.

Aprovisionamento self-service

O cliente pode ter acesso a serviços de cloud sem recurso à configuração da infraestrutura. O cliente pode pedir ao fornecedor memória, capacidade de processamento, espaço de armazenamento ou software.

Infraestrutura como Serviço (IaaS)

Modelo através do qual a infraestrutura de computação, normalmente um ambiente de virtualização, é fornecida como um serviço. Os clientes deixam de comprar servidores, software, espaço de datacenter ou equipamentos de rede. A contratação destes serviços é normalmente cobrada com base de utilização dos recursos de computação.

Plataforma como serviço (PaaS)

Serviços de plataforma de computação na nuvem. O sistema operativo e os serviços associados são entregues pelo fornecedor como um serviço através da Internet. A camada de PaaS oferece serviços com os quais os programadores podem criar aplicações em cima da infraestrutura de computação. Pode incluir ferramentas de desenvolvimento que são disponibilizadas como um serviço para construir outros serviços ou serviços de base de dados.

Software como Serviço (SaaS)

Através do SaaS, o fornecedor garante a disponibilidade do software, sendo que o utilizador apenas interage com a aplicação (habitualmente através de um browser) da mesma forma como o faria com uma aplicação local, sem necessidade de aquisição, instalação e execução das aplicações nos computadores do cliente.

Pay as you go

Modelo de custo incluído muitas vezes em modelos de subscrição ou de consumo de cloud, em contraste com o modelo tradicional que requer um investimento inicial para hardware e software.

Service Level Agreement (SLA)

Acordo contratualizado com o fornecedor de serviços que poderá abarcar parâmetros como a disponibilidade, performance ou tempos de resposta.

Hadoop

Framework utilizada para o processamento de grandes volumes de informação através de processamento distribuído.

Content Delivery Network (CDN)

Sistema distribuído composto por servidores em diferentes localizações. Estão configurados para que os clientes possam aceder ao servidor mais próximo, melhorando a performance.



A integração é um dos principais desafios da passagem dos dados, infraestruturas sistemas ou soluções para a nuvem. A questão é tanto mais importante quanto mais críticos forem os sistemas a migrar para o ambiente cloud.

Cuidados a ter na migração para a cloud

Todos os processos de mudança envolvem tecnologia, processos e pessoas. A migração para a cloud não é diferente. O que dizem os especialistas?

A migração para a cloud implica os mesmos cuidados que qualquer outra mudança de plataforma: “importa conhecer bem a infraestrutura fonte e dominar bem a arquitetura de destino”, explica Luís Carvalho, diretor de cloud e datacenter da Microsoft Portugal. A opinião é corroborada por outros especialistas que apontam a integração como o principal desafio da mudança, uma questão tanto mais importante quanto mais críticos forem os sistemas a migrar para o ambiente cloud.

Na prática, “os processos de transição de um sistema em modo tradicional para uma plataforma cloud devem começar por um levantamento dos requisitos e dependências dos sistemas, de modo a garantir a sua perfeita integração no novo ambiente. “A questão da quebra ou não de serviço depende fundamentalmente das tecnologias envolvidas, bem como de um plano definido de testes e quality assurance”, detalha Nelson Pereira, CTO da Noesis.

É fundamental a “sincronização da informação e dos sistemas”, que deve ser “cuidadosamente planeada para garantir a inexistência de quebras e uma transição transparente”. A mudança pode ser faseada, paralela ou imediata explica André Santana, da BI4All.

A transição deve ser antecedida por um planeamento cuidadoso e detalhado. Pedro Quintela, administrador da Linkcom,

assinala que “cerca de 80% do esforço” deve ser investido na “preparação de todas as condições necessárias à migração”. Devem ser analisadas variáveis como os custos, a segurança, a implementação, a escalabilidade e acessos dos utilizadores, explica Rui Gonçalves, de infraestruturas de negócio, da JP IK. Em matéria de custos, para além da infraestrutura cloud propriamente dita, “há que ter em conta o custo da migração, que poderá ser reduzido para aplicações mais standard, mas que poderá facilmente aumentar em casos muito específicos de hardware ou software”, alerta André Santana, team leader da BI4All.

A “análise da nova arquitetura e do impacto da mesma na experiência dos utilizadores (que

A segurança e a localização dos dados estão no topo da agenda dos CIO. Não são no entanto vistas como obstáculos à adoção da cloud”, defende António Miguel Ferreira, da Claranet

deverá ser mínimo) assegurando uma preparação para a mudança”, é imprescindível segundo António Oliveira Maia, diretor de Professional Services da Iten.

“Se uma empresa pretende avançar com o seu processo de digitalização, será necessária uma combinação de tecnologia e estratégia de negócio capaz de conetar tudo, capaz de extrair o valor proveniente das conexões através de analítica e ainda de adotar uma abordagem de segurança integral e ubíqua”, detalha Manuel Piló, responsável de cloud & managed services da Cisco Portugal.

Sublinhe-se que a transformação nas empresas pode ficar comprometida por alguns fatores a que as empresas não devem ser indiferentes. Por um lado, acrescenta, Manuel Piló “não há ferramentas certas para utilizar a transformação digital a favor do negócio”, por outro, a segurança não podendo ser descartada, não pode também ser um obstáculo.

Um aspecto relevante no processo de migração para a cloud é a seleção de um fornecedor credível, com experiência e competências demonstradas, de preferência, com certificações oficiais. Inês Vaz Pereira, head of cloud business na SAP Portugal, defende que “aliar a estratégia da empresa a um parceiro tecnológico com a melhor oferta cloud é saber operacionalizar essa estratégia da melhor forma possível”. ■ MSM

OPINIÃO

Cloud: está preparado para os riscos?



Paulo André
Managing Partner, Baker Tilly

A cloud envolve riscos que as empresas ainda desconhecem ou que não compreendem na sua plenitude. Faça o seu trabalho de casa e aconselhe-se bem.

O fornecedor de serviços cloud disponibiliza servidores virtuais, que podem sofrer ataques tradicionais, bem como outras ameaças resultantes de falhas do servidor virtual/partilhado. Note que a virtualização do negócio envolve riscos ainda não bem identificados

A cloud envolve a partilha de uma arquitetura por inúmeras entidades otimizando recursos (CPU, espaço, memória, etc.). Esta separação é de facto lógica e estanque? A confidencialidade é assegurada? Os dados estão seguros e/ou são recuperáveis?

A cloud é um espaço físico. Existe segurança física? Já esta a ser cumprido o Novo Regulamento Geral de Proteção de Dados Pessoais? Sabe se existe controlo na autenticação, autorização e acessos à informação? Que autenticação é exigida? O espaço está compartimentado ou é partilhado? Espaços compartilhados geram produtividade, mas também riscos. Os dados estão protegidos? As chaves de encriptação são partilhadas? Com quem? Quem tem acesso à informação armazenada?

Qual a política de backups? Há evidência do seu cumprimento? Não valera a pena, fazer também o seu próprio back-up? Há salvaguardas contratuais? Existe controlo sobre disponibilidades, redundâncias e tolerância a falhas? É efetivo? Os dados históricos do fornecedor que performance evidenciam? Já se perderam dados na cloud que se pretende utilizar?

Quem é o proprietário dos dados? O contrato de prestação de serviços que diz? Leia-o com atenção para não ter surpresas de última hora. Se descontinuar o serviço de cloud, quem fica com a posse dos dados?

Implemente controlos de segurança

Implemente controlos de segurança que evitem, detetem e respondam de forma efetiva, aos riscos que lhe estão associados. Na sua implementação tenha em consideração os seguintes passos:

- Escolha um padrão de controlo;
- Alinhe os controlos com a classificação de dados e avaliação de riscos;
- Calendarize os passos a implementar;
- Desenhe um processo lógico, eficiente e implementável;
- Implemente (não fique pela teoria);
- Implemente procedimentos de monitorização.

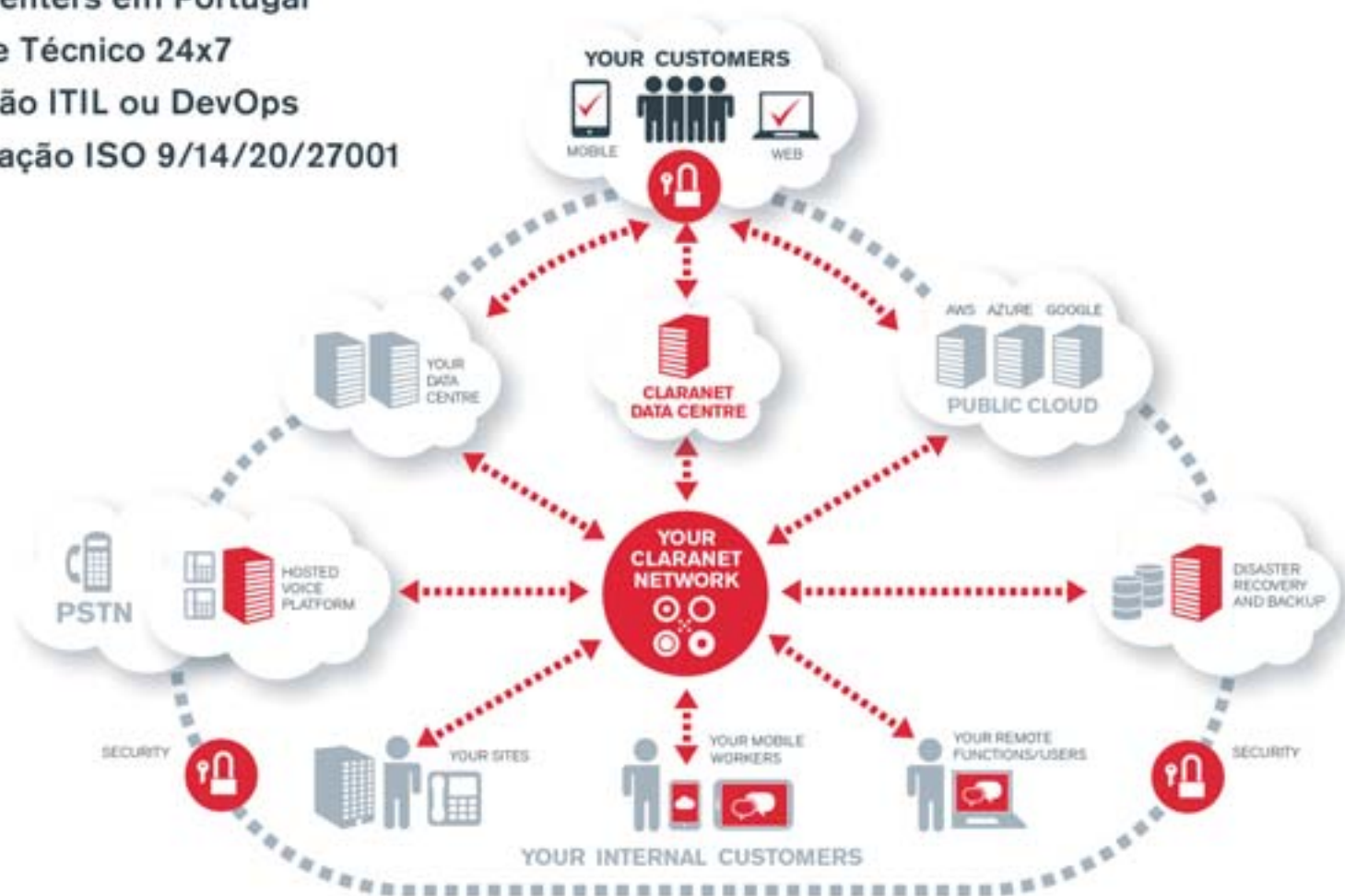
Inventarie os seus riscos. Seja preventivo. Não remedeie o que pode ser evitado. Envolve especialistas que o aconselhem nas tomadas de decisão relevantes. ■

A cloud envolve riscos que as empresas ainda desconhecem ou que não compreendem na sua plenitude. Faça o seu trabalho de casa e aconselhe-se bem

Maior agilidade, num mundo híbrido

Desenhamos, implementamos e gerimos, como um serviço, as plataformas aplicacionais críticas de suporte ao seu negócio, no seu datacenter, num dos nossos 5 datacenters em Portugal ou na Cloud Pública (Azure ou AWS). Por isso somos, há 4 anos consecutivos, líderes europeus em Managed Hybrid Hosting.

- Managed Services, hosting e networks
- Private, Public e Hybrid Cloud
- 5 datacenters em Portugal
- Suporte Técnico 24x7
- Operação ITIL ou DevOps
- Certificação ISO 9/14/20/27001



claranet
www.claranet.pt

helping our customers
do amazing things

Para mais informações:
Email: info@claranet.pt
Tel: 707 50 51 52

Internet: PTI assume funções do ICANN

A desgovernamentalização da gestão global da Internet é o primeiro passo para uma gestão participada e inclusiva, diz Luisa Gueifães.

A Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN) tornou-se independente da supervisão do governo norte-americano a 1 de outubro.

A gestão global da Internet, anteriormente dependente do governo norte-americano, está agora a cargo da Public Technical Identifiers (PTI), uma entida-

de privada sem fins lucrativos, criada em agosto, e afiliada da ICANN.

A PTI tornou-se responsável pelas funções técnicas, críticas para o funcionamento da Internet, que estavam a cargo da Internet Assigned Numbers Authority (IANA) desde 1998.

Esta transição é um passo importante para a gestão global da Internet, que se deverá agora tornar “participada e inclusiva”, explica Luisa Gueifães, presidente do Conselho Diretivo da DNS.pt. A associação DNS.pt tem acompanhado o processo de transição das funções da IANA - coordenação do sistema de domínios da Internet ou Domain Name System (DNS) - para a sociedade civil tendo como preocupação base: “aumentar os mecanismos de auditabilidade e escrutínio da atividade pela comunidade Internet”, explicou a responsável ao Jonal Económico.

O modelo agora implementado imprime uma gestão mais global e participada e menos governamentalizada da Internet

“Esta transição é um passo importante para a gestão global da Internet”, sublinha Luisa Gueifães, presidente da DNS.pt



Foto cedida

“como foi defendido em todo este longo proceso pela grande maioria da comunidade Internet”, assinala Luisa Gueifães.

O novo modelo, apresentado em 6 e 7 de outubro, por Elise Gerish, presidente da PTI, reflete um “modelo de funcionamento com um pendur multitaskholder, uma gestão apostada na transparência, independência,

auditada pela comunidade Internet”, reportou Luisa Gueifães.

“Vamos aguardar, certamente expectantes, o sucesso da nova solução”, antecipa. “As consequências da nova configuração só podem ser positivas”.

Luísa Gueifães defende que a Internet deve manter-se global, livre, aberta e inclusiva, também ao nível da gestão. ■ **MSM**

BREVES

Olisipo Learning dá acesso a CloudMaster

A Olisipo Learning, a nova área de formação da Olisipo, passou a disponibilizar cursos que dão acesso à certificação nas três valências do programa CloudMaster. A oferta – prática e teórica – resulta de uma parceria com a National Cloud Technologists Association (NCTA). Através desta certificação, os profissionais de TI adquirem “uma base de conhecimentos em tecnologias cloud, gestão e arquitetura de infraestruturas cloud e um sólido conhecimento técnico em desenvolvimento e administração de web services”. O programa tem como destinatários profissionais com conhecimentos básicos na área e dois a quatro anos de experiência. A próxima edição começa a 24 de outubro.

Livro: Scratch e Kodu apoia no primeiro ciclo



O livro “Scratch e Kodu – Iniciação à Programação no Ensino Básico”, da autoria de Carla Jesus, Rui Lima (que integraram o projeto-piloto) e José Braga de Vasconcelos (especialista em educação) chegou às livrarias. O compêndio da FCA, grupo Lidel, tem por base o projeto-piloto homónimo da Direção Geral de Educação e visa auxiliar, para além dos 1500 professores envolvidos no projeto, os pais e os educadores. (PVP € 19,95).

Alvo inova em serviço

A Alvo lançou um serviço de suporte técnico vocacionado para PME, o Alvo Go. O serviço inclui suporte ao software de gestão Primavera, dando igualmente acesso a qualquer serviço prestado pela Alvo. Entre as vantagens apontadas pela empresa está um “saldo que nunca expira e que é carregado com o valor e periodicidade desejados pelo cliente” e que “pode ser trocado por suporte, consultoria, formação, entre outros serviços”. Até ao final do ano, o serviço está disponível por 25 euros/hora.

NOS e Huawei reforçam parceria

A NOS e a Huawei formalizaram um memorando de entendimento (MoU) em Shenzhen. A nova parceria estratégica, e continuada, visa o “desenvolvimento conjunto de soluções de comunicações que permitam o reforço contínuo da capacidade de serviço e desempenho das redes de nova geração em Portugal”. Estão abrangidas áreas como a IoT de banda estreita, redes de banda larga da próxima geração, vídeo, SDN, NFV, datacentres e soluções empresariais integradas. A Huawei chegou a Portugal pela mão da NOS, em 2005.

Oracle. Colaboração e formação retém talento

As ferramentas de colaboração disponibilizadas pelas empresas não correspondem às expectativas dos funcionários tecnologicamente esclarecidos e que não ocupam cargos de direção. Esta conclusão integra um estudo da Oracle sobre a cultura dos locais de trabalho na Europa Ocidental.

Os dados revelam que ape-

nas 37% dos funcionários que não ocupam cargos de direção afirma ter orgulho em trabalhar na empresa onde está atualmente, sendo que menos de metade (39%) considera uma colaboração de longo prazo com o empregador atual.

Pelo contrário, os gestores e funcionários que ocupam cargos de direção consideram que

têm à sua disposição as ferramentas, a orientação e o apoio de que necessitam.

Apenas 22% dos trabalhadores que não ocupam funções de gestão considera que as suas empresas se preocupam com o seu bem-estar geral e só 21% considera que pode progredir na carreira com o seu atual empregador.

David Mihala, diretor de Vendas de Aplicações HCM da Oracle explica que “as empresas se arriscam a perder contribuições valiosas se não forem capazes de oferecer as condições para valorizar o talento dos seus trabalhadores”, o que vai além do aspecto financeiro. A cultura da empresa ou o acesso à formação são fatores motivacionais. ■

SAP investe dois mil milhões de euros em IoT

A SAP anunciou o investimento de dois mil milhões de euros na Internet of Things (IoT) a cinco anos. O plano inclui inovações ao nível da oferta, aquisições e uma rede de laboratórios SAP IoT. O valor visa ajudar as empresas e as entidades governamentais a beneficiarem da proliferação de sensores, dispositivos inteligentes e big data, que está a

transformar os negócios através da IoT. O plano, assente no SAP HANA, inclui inovações no portefólio de soluções IoT, o incremento das vendas e marketing, a SAP planeia acelerar a inovação do seu portefólio de soluções IoT, incrementar as vendas e o marketing, graduar o serviço, o apoio ao cliente e a co-inovação, assim como apoiar o crescimen-

Inovações, aquisições e uma rede de laboratórios SAP IoT, integram este plano

to do ecossistema de parceiros e startups,

“Com mil milhões de dispositivos conectados, temos o potencial de redesenhar a sociedade, a economia e o ambiente”, refere Bill McDermott, CEO da SAP. “A SAP está a realizar mais um forte investimento para ajudar os clientes a tirarem vantagem dos negócios em tempo real”. ■



Alojamento, bilhetes de transporte, vestuário e acessórios de moda, livros, equipamentos móveis e acessórios e artigos para o lar compõem o rol de produtos e serviços mais comprados pelos portugueses através da Internet, revela o estudo da ACEPI e da IDC Portugal.

COMÉRCIO ELETRÓNICO

Portugueses vão gastar 9,2 mil milhões de euros online em 2020

A ACEPI destaca a percentagem de portugueses que optou por comprar em sites chineses. O alojamento, os bilhetes e o vestuário são os mais procurados.

O volume de compras online dos consumidores finais vai ascender a 9,2 mil milhões de euros em 2025, um valor que comparar com os 3,8 mil milhões de euros transacionados em 2015.

Estas conclusões foram divulgadas esta terça-feira, por Alexandre Nilo Fonseca, presidente da ACEPI – Associação da Economia Digital e resultam da compilação de dados efetuada anualmente pelos analistas da IDC Portugal.

Em 2015, 70% da população portuguesa utilizava Internet, percentagem que vai subir para 90% em 2025. Destes, 30% compravam online em 2015, antecipando-se que esta percentagem duplique até 2025.

Numa análise mais fina, 80% dos portugueses já fizeram compras em sites no estrangeiro, 45% das compras efetuadas pelos portugueses são concretizadas em sites estrangeiros. Um dado curioso apontado este ano diz respeito às compras em sites chineses. Perto de 50% dos portugueses que já comprou online no estrangeiro fê-lo em sites chi-

neses, sendo que um dos mais utilizados é o AliExpress.

Alojamento, bilhetes de transporte, vestuário e acessórios de moda, livros, equipamentos móveis e acessórios e artigos para o lar compõem o rol de produtos e serviços mais adquiridos pelos portugueses através da Internet.

A percentagem de empresas portuguesas com presença na Internet é ainda relativamente reduzido – apenas 38%. Esta situação é lamentada por Alexandre

97% das grandes companhias estão online, 86% das médias também. No entanto, apenas 30% das microempresas estão na Internet

Nilo Fonseca que afirmou que Portugal regista várias conquistas na esfera digital sendo ainda escassas as empresas nacionais com uma presença significativa e mensurável no mundo online.

No entanto existe uma diferença substancial relacionada com a dimensão da organização: 97% das grandes companhias estão online, 86% das médias também.

Quanto às empresas de menor dimensão, apenas 30% das microempresas e pouco mais de metade das pequenas empresas (56%) tem presença na Internet. Esta presença é atualmente diversificada.

Da totalidade das empresas com presença na Internet, 81% tem site próprio, 60% tem página em alguma rede social e 51% conta com uma mobile app. Cerca de 58% das empresas vende online no seu próprio site.

O volume de compras online efetuados pelas empresas e pelo Estado cifrou-se em 58,58 mil milhões de euros em 2015, valor que deverá aumentar para 132,7 mil milhões de euros até 2025. ■

BAKER TILLY

BUILDING ON SUCCESS

Audit • Tax • Advisory

www.bakertilly.com.pt

Valuekeep é a nova spin-off da Primavera BSS

A Valuekeep resulta de um investimento inicial de 1,6 milhões de euros. A spin-off está de olhos postos nos mercados internacionais.

Mafalda Simões Monteiro
mmonteiro@jornaleconomico.pt

Valuekeep é a nova spin-off da Primavera BSS vocacionada para o desenvolvimento e comercialização de soluções de software de gestão e manutenção de ativos.

A Valuekeep resulta de um investimento inicial de 1,6 milhões de euros, empregando dez pessoas. Durante os próximos quatro anos serão investidos cinco milhões de euros em Investigação & Desenvolvimento (I&D) e na referida abordagem ao mercado internacional.

A solução tem como destinatários os setores industrial, saúde, transportes, construção, administração pública e energia. A Valuekeep ambiciona que o negócio venha maioritariamente do mercado internacional.

“Temos um plano de negócios bastante ambicioso que passa pelo reforço da equipa. Nesse reforço, iremos privilegiar a incorporação de perfis comerciais, que sejam o inter-



A spin-off Valuekeep quer ter uma presença consolidada no mercado global até 2020, diz Jorge Batista, co-CEO da Primavera BSS.

locutor local da empresa em várias geografias, e perfis técnicos, tanto ao nível de desenvolvimento do produto como de apoio aos serviços de configuração e suporte da solução”, ex-

plica Jorge Batista, co-CEO da Primavera BSS.

Iniciamente, a nova spin-off, com sede em Braga, apontará aos mercados de referência da casa-mãe: a Europa, em particu-

lar o Reino Unido, a América Latina e os EUA.

O objetivo é “ter uma presença no mercado global de software de manutenção de ativos até 2020”, assinala Jorge Batista.

Foto cedida

O produto é “funcionalmente maduro” e foi desenvolvido em tecnologias cloud, o que garante “as melhores condições para comercializar a oferta à escala global”.

A solução Valuekeep tem sido desenvolvida ao longo das últimas duas décadas, e já foi implementada por exemplo na Iberdola, numa das maiores plantas fotovoltaicas do continente africano, situada na África do Sul.

A nova solução, 100% web, está disponível por subscrição online em três configurações distintas, explica a Primavera BSS em comunicado. Tem uma forte vertente de mobilidade, facilitando o registo de novos ativos e o reporte do trabalho a partir de equipamentos móveis.

Pode igualmente ser integrada com as principais soluções de Enterprise Resource Planning (ERP) disponíveis no mercado.

O software de manutenção de ativos tem um elevado potencial de crescimento, cerca de 9,6% até 2019, segundo os analistas da Market and Markets. ■

Scrum potencia competitividade das empresas

No ScrumDay Portugal os gestores de topo tomaram contacto com metodologias inovadoras para aumentar a competitividade das empresas.

O ScrumDay Portugal é um evento “out-of-the-box”, composto por conferências, workshops, espaços de networking, think tanks, entre outros, no qual o conhecimento é transmitido em todos os sentidos entre os participantes. O objetivo da iniciativa, apoiada pela Capgemini, é aumentar a agilidade e a competitividade das indústrias portuguesas através da utilização inteligente das TI e de novas metodologias de gestão.

A edição deste ano, aconteceu no Porto e reuniu cerca de 170 profissionais, metade dos quais gestores de topo, incluindo uma elevada percentagem de gestores da administração pública e militares.

Tirando partido de práticas scrum e agile, os participantes saem do evento com “ideias interessantes” e “respostas práticas para os seus próprios desafios”, assinala Hugo Lourenço, Executive Manager, application development and maintenance business unit da Capgemini.

O que é o ScrumDay Portugal? Não é uma conferência tradicional e unidirecional. É um evento onde são explorados a energia e o talento dos participantes, através de conversas em que cada um coloca e/ou responde a dúvidas e através das quais são analisados métodos de trabalho, explica Hugo Lourenço. É um think Tank em que todos podem fazer perguntas ou ajudar

O Scrum é um método, baseado nas equipas, que permite resolver problemas complexos

outros a encontrar soluções, tirando partido da experiência quer dos peritos quer dos restantes participantes.

O Scrum é um método, baseado na equipa, que serve para resolver problemas complexos. Muitos usam o scrum para o desenvolvimento de software mas na verdade este começou com a produção de hardware na Força Aérea Americana. É um método de trabalho ideal para desenvolver trabalho em equipa, incluindo equipas de executivos, que necessitam de trabalhar em interdependência mas com um objetivo comum, explica Hugo Lourenço. Este profissional assinala que este “é o único método para trabalhar em complexidade”.

Por seu lado, o “Agile é uma filosofia que contém um pequeno conjunto de valores e princípios, que constituem a base para dezenas de escolas de pensamento e centenas, senão milhares de práticas. São sempre boas práticas Agile, as que permitem desenvolver equipas motivadas e muito profissionais com uma visão comum do problema”, defende o responsável da Capgemini.

Para a edição deste ano do ScrumDay, deslocaram-se a Portugal alguns especialistas internacionais nestas práticas: Manny Gonzalez, Brian Rivera, Chet Hendrickson, Hubert Smits, Maria Matareli, Peter Measey, Peter Stevens e Thomas Friend. ■ MSM